

KUPFER, D. Ano novo, vida nova. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 07/01/2009.

Ano novo, vida nova

07/01/2009

Com o significado de um chamamento para a retomada dos projetos destruídos ou interrompidos pelas contingências da vida, esse é um dos motes com o qual busca-se, na sabedoria popular, injetar novo ânimo naqueles que enfrentaram algum duro revés em um período final de ano. Diante do tombo tomado pela indústria em novembro de 2008 que, de acordo com os números recém-divulgados pelo IBGE, retraiu-se em 5,2% em relação ao mês anterior e em 6,2% ante novembro de 2007, deveria ser o caso de aplicá-lo também a empresas e países. Será?

As explicações para o tombo da atividade industrial em novembro são muitas. De modo geral, os setores mais dependentes de crédito, como as indústrias automobilística e da construção civil, sentiram mais fortemente a crise de liquidez, enfrentando uma súbita redução da demanda e o conseqüente aumento dos estoques. Evidentemente, a parada brusca dessas atividades afetou também os seus fornecedores, como atestam as grandes quedas experimentadas pela indústria da borracha ou de tintas e vernizes. Os setores de bens de capital mecânicos ou de material eletrônico e de comunicações amargaram os efeitos da crise de confiança, que interrompeu um sem-número de planos de investimento que estavam em andamento. Já os setores de insumos básicos, mais dependentes das exportações, enfrentaram redução simultânea de preços e de quantidades no mercado externo, problema que afetou particularmente as commodities metálicas, porque essas também são muito utilizadas internamente na produção de automóveis, bens de capital e construção civil. Sentiram menos a crise as indústrias de alimentos, têxtil e calçados e demais atividades relacionadas aos bens não duráveis de consumo.

Esses últimos setores vinham crescendo em ritmo muito mais lento do que os demais, sugerindo que, permanecendo no campo da sabedoria popular, também pode ser aplicada a máxima "quanto maior a altura, maior o tombo". O significado prático dessa máxima seria o de que o ajuste da atividade industrial poderá ser rápido, propiciando a que a indústria volte a apresentar taxas positivas de crescimento em breve. Porém, projeções sobre o comportamento da indústria em 2009 devem tomar cuidadosamente em conta as possíveis trajetórias de quatro variáveis-chave: câmbio, juros, formação de capital e renda das famílias, todas elas pesadamente dependentes da natureza e direção das políticas públicas ainda a serem adotadas e, portanto, ainda muito difíceis de serem antecipadas.

Em um cenário favorável, uma rápida retomada da produção industrial deveria contemplar as seguintes trajetórias: I) com relação à taxa de câmbio, é fundamental, acima de tudo, que se reduza a sua volatilidade, pois na economia brasileira essa é a condição primordial para o cálculo e tomada de decisões de produção e de investimento pelas empresas. Além de afetar negativamente o desempenho da balança comercial, uma taxa de câmbio volátil deprime o investimento devido a incertezas que cria sobre preços e

quantidades vendidas nos mercados externo e interno, custos de produção, encargos financeiros das dívidas contraídas em moeda estrangeira, dentre outras variáveis básicas; II) com relação ao sistema financeiro, é necessário tornar o acesso a crédito mais favorável, incluindo não somente uma redução mais rápida da taxa de juros mas também a melhoria das condições, requisitos e contrapartidas que são exigidas para a obtenção dos empréstimos, especialmente, para as empresas de menor porte, para cuja consecução o BNDES, Banco do Brasil e Caixa Econômica podem exercer um papel fundamental; III) com relação à formação bruta de capital, cabe acelerar o ritmo dos investimentos públicos, articulando, se possível, as esferas federal, estadual e municipal, de modo a preservar a taxa de investimento, compensando a retração dos investimentos privados que, como já se sabe, deverão permanecer mais reticentes pelo menos até o final do ano, especialmente no importante elenco de projetos que visavam exportação e que entram em compasso de espera; e IV) com relação ao consumo doméstico, deve-se garantir a continuidade do processo de recuperação do valor real do salário mínimo, do emprego e da massa de salários em geral, bem como dos programas de transferência de renda, condições essenciais para dinamizar o mercado interno.

venham a prevalecer, não se pode esquecer que, mesmo nesse cenário, será necessária uma enorme capacidade de resposta da indústria brasileira aos desafios implícitos em um novo modelo de crescimento econômico no qual a estrutura industrial estará apoiada em fontes distintas de dinamismo, com maior peso das atividades voltadas para o mercado interno e com um perfil das exportações menos dependente de produtos básicos ou semi-manufaturados. Uma análise estratégica deve considerar que a principal força da indústria brasileira está na sua estrutura diversificada e no modelo fabril que se conseguiu preservar no país, no qual, mesmo que algumas cadeias produtivas tenham se fragmentado, muitas outras conseguiram preservar níveis mínimos de densidade. Já a principal fraqueza da indústria nacional para a consecução desse objetivo está na questão tecnológica, aí englobando desde a problemática da qualificação da mão-de-obra até a incipiente capacitação em P&D de nossas empresas e instituições científicas. É conhecida a característica estrutural da indústria brasileira segundo a qual a competitividade vai se reduzindo na medida em que se avança na cadeia de elaboração das mercadorias, como, por exemplo, é o caso da celulose para os papéis commodities e daí para os papéis especiais ou do aço bruto para os laminados e daí para os galvanizados ou ainda da petroquímica de 1ª geração para as resinas e daí para os plásticos de engenharia. Serão as ações voltadas para a superação dessa indesejável característica que poderão, efetivamente, significar vida nova para a indústria brasileira.